

RETRATOS DO BRASIL/PNAD 2008: *Isso coroa uma fase de cinco anos,*

Quase 4 milhões saíram da pobreza no Brasil

Desigualdade também diminuiu, mas em velocidade menor do que a registrada em outros anos desta década

Henrique Gomes Batista,
Cássia Almeida e Leticia Lins

• RIO e RECIFE. A queda na desigualdade, a melhoria no mercado de trabalho e a pequena elevação na renda contribuíram para a redução da pobreza no país. Segundo estudo do professor Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a parcela da população abaixo da linha da pobreza caiu de 18,26% em 2007 para 16,02% no ano passado.

Isso significa que 3,8 milhões de pessoas saíram da pobreza no período, o que equivale à população do estado do Espírito Santo e da cidade de Niterói juntas. Em termos relativos, a redução foi de 12,27%, segundo a análise da FGV baseada nos dados da Pnad. Com este resultado, a população pobre em setembro de 2008 somava 29,3 milhões de pessoas, número equivalente à população de Minas Gerais e do Paraná.

— Isso não foi o bom re-

sultado de apenas um ano, mas coroa uma fase de cinco anos, um verdadeiro ciclo de ouro, que acabou por causa da crise econômica justamente em setembro de 2008, quando a Pnad foi coletada — afirmou.

Redução de desigualdade de Nordeste estaciona

De acordo com esta análise, ele afirma que a parcela da população que vivia abaixo da linha da pobreza caiu de 28,05% em 2003 — início do ciclo — para 16,02% no ano passado, ou seja, 19,3 milhões de pessoas saíram da pior classe social do país. Neri calcula a linha da pobreza dividindo a renda fa-

miliar por habitantes de um domicílio e levando em conta o custo de alimentação para se garantir uma dieta de 2.288 calorias diárias por morador. O valor base do país é de R\$ 137 por pessoa/mês, o mesmo critério utilizado para o recebimento do Bolsa Família, mas os dados da FGV consideram as diferenças de preços regionais.

A desigualdade nos rendimentos do trabalho caiu um pouco em 2008, segundo o IBGE, mas em ritmo inferior ao

dos outros anos. O índice de Gini, medida padrão para esta análise (quanto mais desigual maior o número) caiu de 0,528 para 0,521, depois de ter apresentado redução mais expressiva de 2007, quando o índice caiu de 0,541 para 0,528.

O Sudeste foi onde a desigualdade mais caiu — o índice de Gini passou de 0,505 em 2007 para 0,496 no ano passado. No Sul, a redução foi de 0,494 para 0,486. Já no Centro-Oeste, onde a desigualdade subiu em 2007, de

0,541 para 0,552, também não houve melhora da distribuição, que ficou estável em 0,552. No Nordeste, praticamente parou a melhoria na distribuição de renda: o índice de Gini caiu levemente, de 0,547 para 0,546.

— A renda dos trabalhadores das camadas mais baixas e das camadas mais altas do Nordeste subiram. Por isso, a desigualdade não caiu na região — explicou a gerente da Pnad, Maria Lúcia Vieira.

Essa alta concentração de

renda no Nordeste ainda é sentida no cotidiano de pessoas como Fernanda Gomes da Silva, 22 anos, três filhos, e sem acesso a trabalho formal. Ela trabalha como diarista três vezes por semana, o que lhe garante R\$ 90 mensais. Também recebe R\$ 112 do Bolsa Família, que sacou na última quinta-feira.

Ela reside na pequena casa do pai, onde moram oito pessoas — vizinha de um bairro de classe média. Sua residência possui água e luz, mas esgoto corre a

céu aberto. Fernanda provavelmente não vai ascender. Ela parou de estudar na quinta série. Faz planos para estudar em 2010, mas não teme deixar a sala de aula antes do final do ano, como ocorreu em 2006.

— Eu ia para a escola, mas quando chegava na esquina ouvia o choro do menino e voltava para casa — lembra, referindo-se a Lucas Filipe, o caçula de 4 anos. Ela tem, ainda, Guilherme, de 7, e Hugo Mateus, de 5, todos na escola. ■



FERNANDA, COM dois filhos: renda de R\$ 112 do Bolsa Família

DESIGUALDADE

Concentração de renda diminuiu, mas em ritmo inferior aos outros anos (Índice de Gini com os rendimentos do trabalho. Quanto menor, melhor)

1981	0,564
1983	0,584
1984	0,584
1985	0,594
1986	0,584
1987	0,589
1988	0,613
1989	0,630
1990	0,602
1992	0,571
1993	0,600
1995	0,585
1996	0,580
1997	0,580
1998	0,575
1999	0,567
2001	0,566
2002	0,563
2003	0,554
2004	0,547
2005	0,544
2006	0,541
2007	0,528
2008	0,521

FONTE: IBGE